

# FILOLOGIA E LITERATURA: TROCANDO IDÉIAS COM TOLKIEN E LEWIS

**Gabriele Gregersen\***

*Resumo:* O artigo empreende uma aproximação entre dois literatos e catedráticos britânicos, J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis. O que os unia não era só a sua profunda amizade, mas também a visão de mundo e de valores humanos fundamentais que estão por trás de suas obras de relevância internacional. Pautados por essa base filosófica foi possível a eles estabelecer um diálogo entre os seus respectivos campos, o da filologia e o da literatura. Este estudo abordará os principais pontos desse diálogo. Daremos uma especial atenção ao potencial ético e teológico da língua e da literatura, que são dois temas essenciais ao pensamento dos autores.

*Palavras-chave:* Filologia; literatura; J. R. R. Tolkien; C. S. Lewis; mito; ética.

*Às vezes, quase acredito que eu mesmo,  
João, seja um conto contado por mim*

(Guimarães Rosa)

## INTRODUÇÃO

■ Em que medida a língua e a literatura, particularmente a literatura de ficção, podem servir para expressar experiências humanas profundas e existenciais, envolvendo valores ligados à ética e cidadania e até mesmo à experiência religiosa? Para nos aproximarmos de uma resposta, partiremos da experiência de vida e das idéias de dois autores britânicos, C. S. Lewis<sup>1</sup> e J. R. R. Tolkien,<sup>2</sup> que acabaram, por meio

\* Docente do programa de mestrado em Teologia do CPAJ e do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>1</sup> Catedrático de literatura inglesa medieval e renascentista das universidades de Oxford e Cambridge, viveu entre 1898 e 1963 e foi autor de obras acadêmicas da área, participando da elaboração do *Dicionário de Oxford* e de livros sobre crítica literária e literatura, além de livros teológicos e de contos,

poemas e obras de ficção de grande repercussão internacional, como as *Crônicas de Nárnia* (Martins Fontes) e *Cartas de um Diabo a seu aprendiz* (Vozes), entre outros.

<sup>2</sup> Professor de filologia da Universidade de Oxford, viveu entre 1892 a 1973. Além de obras acadêmicas, foi autor de contos e obras de ficção, consideradas as maiores do século, como *O Senhor dos Anéis*, *O Hobbit* e *Silmarillion*, publicados no Brasil pela editora Martins Fontes.

da sua obra, provando que a colaboração entre a literatura e a filologia é um interessante método de análise crítica de textos e de resgate de valores humanos essenciais.

De acordo com Abbade & Nunes (2002), a cooperação entre os dois campos, considerados complementares, é fundamental e urgente, pois ambos fazem uma espécie de crítica. A diferença é que enquanto a filologia é uma crítica textual, interessada pela verdade do texto, a crítica literária preocupa-se mais com o seu sentido. Mas ambas giram em torno do mesmo objeto que buscam elucidar cada qual à sua maneira. Os autores defendem ainda que o crítico deve se valer de outras áreas do conhecimento nesta sua busca pela verdade e que deve recorrer a boas edições críticas. Eles chegam a chamar este trabalho de “operário filológico”.

Já Borba (2002), que até reconhece os bons frutos dessa colaboração, destaca, por outro lado, o que chama de “limites de transferência”. Para evitá-los, sugere que os críticos “fechem sem concluir”, pelo que parariam de constantemente martelar “na mesma tecla”. Ao invés disso, deviam verificar e valorizar mais “o *esforço criador* em busca de uma profundidade que só seria possível pelo *exercício consciente da imaginação e dos meios de expressão* de que dispunha o romancista” (grifos da autora). É precisamente esse esforço que os autores ora estudados demonstraram nas suas respectivas vidas e obras.

## HISTÓRIA DE UMA AMIZADE

Uma amizade, como a mantida entre dois *scholars* do porte de C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien, certamente não é um detalhe insignificante na vida de nenhum dos dois. Ainda mais se considerarmos que eles vêm de áreas um tanto rivais, do campo das Letras: da literatura, considerada mais prática, e da filologia ou lingüística, com foco mais analítico. Assim, a aproximação entre os autores e suas respectivas obras pode contribuir para o diálogo entre os campos e a prática efetiva da interdisciplinaridade.

Como constata em sua autobiografia, *Surpreendido pela alegria*, Lewis (1997) sempre esteve consciente da peculiaridade da sua relação com Tolkien, como comenta um dos biógrafos de Lewis:

*A amizade com J. R. R. Tolkien ... ficou marcada pela quebra de dois velhos preconceitos. Assim que eu ingressei neste mundo (o de Oxford) recomendaram-me (implicitamente) jamais confiar em um papista, e quando ingressei pela segunda vez na Faculdade de Língua Inglesa recomendaram-me (explicitamente) jamais confiar em um filólogo. E Tolkien se enquadrava em ambas as coisas.*<sup>3</sup> (Duriez, 1990, p.214)

Não estaremos aqui entrando no mérito das rivalidades existentes na época entre críticos literários e filólogos na época, tampouco no do ciúme e inveja de que tanto Tolkien quanto Lewis eram vítimas, pela “popularidade” das suas obras “laicas”. Lewis era criticado ainda por sua ousadia em levantar e debater

abertamente em encontros com professores e alunos temas religiosos, considerados “não-científicos”, reservados aos teólogos.

Nada disso, entretanto, os impediu de desenvolver fortes amizades com colegas que, ainda que discordassem de muitos dos seus pontos de vista e criticassem sua obra, compartilhavam do seu interesse pelas línguas e a literatura. Lewis é o maior exemplo de que é possível, sim, harmonizar diferenças, articulando áreas que na sua época eram bastante distintas e rivais. Alguns críticos acreditam até que Lewis tenha tido uma vocação para a filologia, que ficou explícita particularmente em sua obra *Studies in Words*. Nesse compêndio de anotações de aula e ensaios, ele expressa a sua preocupação com o que chama de “o processo lingüístico inconsciente da degradação contínua de boas palavras e embotamento de distinções úteis” (Lewis, 1970, p.333).

O autor prossegue, destacando que nenhuma palavra é eterna, nem mesmo é viva, no sentido concreto, daí a sua limitação e tendência à dispersão do seu sentido. E nessa preocupação com o esvaziamento do sentido das palavras Tolkien e Lewis concordavam plenamente, tanto que criou uma nova linguagem para resgatar os sentidos perdidos na nossa própria linguagem. Preocupações comuns como essas ocasionavam oportunidades para o diálogo entre os dois pensadores, que resultou em um mútuo respeito e complementação crítica entre os campos da literatura e da filologia. Lewis (1960) chegou até a manifestar-se de modo bastante enfático em defesa da filologia:

*Já me disseram que existe gente desejosa de que o estudo da literatura fosse completamente livrado da filologia; isto é, do amor e conhecimento de palavras. Pode ser talvez que nem exista gente desse tipo. Mas, se existir, então, ou se trata de algum lunático, ou de gente que quer tratar, em vida, de uma desilusão obstinada e fechada a sete chaves. (p.3)*

Mas de uma forma geral, Lewis aprova os estudos profundos empreendidos pelos lingüistas, movido pelo respeito que ele mesmo desenvolveu e demonstrou, na sua crítica literária, pelo estudo das palavras:

*Parece-me bastante animador viver numa época em que a análise lingüística nos tenha levado a nos preocupar com a perspectiva de que o nosso pensamento pode ser quase que inteiramente condicionado pela nossa linguagem. Embora, ao que me parece, haja, pelo menos, uma certa independência ... É bom que nos conscientizemos do que estamos fazendo, quando nos referimos a estes instrumentos tremendamente potentes (quando bem usados), antigos e frágeis, que são as palavras. (ibidem, p.5-6)*

Em trechos como esses podemos ver o equilíbrio e o discernimento com que Lewis encarava a filologia, consciente que era da sua necessidade e, ao mesmo tempo, das suas limitações. Apesar de certo idealismo exagerado de alguns profissionais, ele reconhece o valor científico e acadêmico do seu trabalho:

*O sonho do filólogo é esquematizar todos os sentidos de uma palavra a fim de obter dela uma árvore semântica perfeita; cada ramo remete a um galho, cada*

*galho a um tronco. O fato de que isso raramente pode ser alcançado com perfeição não importa muito; todo estudo acaba na incerteza. (ibidem, p.9)*

E, de acordo com a nossa hipótese, a amizade de Lewis com Tolkien contribuiu muito para lançar pontes importantes para o diálogo não somente entre os campos da lingüística e da literatura, mas também entre esses campos e outras áreas, como a filosofia, a história, a educação e até a teologia, fixando-se nos seus pontos comuns.

Outro aspecto que os unia fortemente foi um profundo sentimento religioso, pautado pela literatura. As convicções que Tolkien cultivava sobre a relação entre o cristianismo e a literatura despertaram em Lewis a fé, após anos de ateísmo, motivando-o a ler a Bíblia pela primeira vez (embora fosse proveniente de lar religioso). Ainda sim, Lewis mantinha um certo distanciamento das visões religiosas do amigo, tanto que não se converteu ao catolicismo ortodoxo de Tolkien, mas ao anglicanismo.

Em todo caso, Lewis se empenhava nos seus escritos, que, por coincidência ou não, se tornaram mais relevantes e conhecidos a partir da sua conversão, em destacar pontos comuns entre as visões, religiosas ou acadêmicas dos autores.

Embora crítico, Lewis procurava respeitar as divergências de pensamento dos colegas e autores, e por isso era muito consultado. O nível de confiança que Tolkien depositava em Lewis pode ser constatado no livre e quase que exclusivo acesso aos seus manuscritos. Lewis foi praticamente a única pessoa com quem Tolkien discutiu o *Silmarillion*, e a quem devia grande parte do encorajamento para não desistir dessa homérica obra.

O amor pela vida simples, pelas saídas com amigos seletos para troca de idéias ou “caminhadas filosóficas” pelos jardins do *campus*, a dedicação aos amigos e a prática de responder, sempre que possível, a todas as cartas de fãs eram outras coincidências que os uniam.

Quanto aos hábitos culturais e sociais mais gerais, ambos tinham certo desprezo por jornais e pela mídia em geral. Segundo Carpenter (1977, p.158), para Tolkien a verdade que pode ser encontrada está nos livros, e não nos jornais. Sua crítica ao totalitarismo da tecnologia, desprovida de reflexão filosófica e de ética, bem como ao corporativismo e academicismo que imperava na Universidade também era compartilhada por Lewis. Tais críticas ficam particularmente claras na trilogia espacial de Lewis e em *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien. De acordo com Chance (2001), essa visão crítica pode ser comparada à dos mais eminentes pensadores da atualidade:

*À semelhança de Foucault, Tolkien, da mesma forma que o seu companheiro dos Inklings,<sup>4</sup> C. S. Lewis, questionava a validade de se eleger as ciências humanas como representante da razão da sua geração ... Tolkien manifestava esta crítica pela via da ficção através de instituições como Sauron, o Senhor do Escuro, e os seus seguidores associados ao território da morte, Mordor, que ele governava de modo tão tirano. Todos os três pensadores levantam objeções contra o espírito combativo das tecnologias aplicadas ao governo das nações do mundo pós-iluminista. (p.20-1)*

4 Nome atribuído ao clube de leitura criado por Tolkien e Lewis. Enquanto “ink” quer dizer simplesmente “tinta”, “inkling”

significa, a um tempo, “mancha”, “borrão” e “intuição”, mas pode aludir ainda a uma vaga “idéia” ou “noção”.

E a estratégia que esses pensadores consideravam a melhor para fazer frente ao totalitarismo tecnológico do mundo pós-iluminista era a da lingüística e da literatura. E não foram nada originais nisso, se considerarmos outros eminentes autores de ficção, como Júlio Verne, Cervantes, Aldus Huxley, João Guimarães Rosa, bem como os integrantes da Escola de Frankfurt, George Orwell, e tantos outros que se valeram da via literária e metafórica para fazer a sua crítica ao mundo moderno.

Tolkien e Lewis também mantinham o saudável hábito de exercer críticas mútuas às suas obras de ficção. Pois o que os unia era a convicção de que a maior parte das experiências vividas pelo ser humano não pode ser expressa por uma linguagem literal:

*considero um erro supor que a nossa experiência possa, em geral, ser comunicada por meio de uma linguagem precisa e literal e que outra categoria especial de experiências (digamos as emoções) seja incomunicável. A verdade me parece ser o contrário: há um campo especial de experiências que pode até ser comunicado sem a linguagem poética, que são as suas “propriedades comuns mensuráveis”, mas a maior parte da experiência não pode. Ser incomunicável através da linguagem científica é, até onde eu possa julgar, o estado normal da experiência. (Lewis, 1996, p.138 – grifo do autor)*

Daí a importância das metáforas e da linguagem poética, que apelam para o raciocínio analógico, particularmente em campos do conhecimento, interessados pela experiência humana. Pois esse tipo de linguagem é capaz de “traduzir” a experiência humana, apelando para a imaginação.

Também a análise da maioria dos textos, particularmente de textos distantes do leitor em relação ao tempo e espaço, exige um certo trabalho de “tradução” para que se procure captar neles a experiência que tentam veicular. É importante investigar a origem das palavras e o contexto para que se dê conta do seu sentido, já que este tende a se perder com o tempo. Lewis não é favorável a intermináveis dissecações de palavras, como costumavam fazer os filólogos da sua época, e certamente também não concordaria com os pensadores atuais, como J. Derrida, R. Rorty e Donald Davidson, que não estão muito interessados no sentido original de uma palavra ou um texto, mas apenas no sentido atribuído no momento pela sociedade e pelo leitor, o sentido pragmático. Lewis propõe que quem analisa um texto, mesmo do ponto de vista literário, deve submetê-lo a uma investigação profunda e comparativa do sentido:

*Uma palavra pode ser muito mais bem compreendida quando a encontramos ao vivo, em seu habitat. Até onde é possível, nosso conhecimento deve ser checado e suplementado e não derivado do dicionário ... distancio-me um pouco da filologia inglesa clássica, por não estar preocupado meramente com sons, nem com derivações em si mesmas. O que me preocupa somente são as relações semânticas da, digamos, natura e da nature, o fato de que uma é “derivada” da outra não é importante para os meus propósitos ... estou assim em condições de dizer mais sobre a história do pensamento e sentimento que subjaz à biografia semântica de uma palavra do que seria possível ou apropriado a um dicionário. (Lewis, 1960, p.2)*

## MOTIVOS COMUNS A TOLKIEN E LEWIS

Em livro recente, Sturch (2001) frisa que o que unia Tolkien, Lewis e outros autores correlatos era a forma criativa e imaginativa pela qual eles davam expressão às suas visões de mundo, idéias e crenças mais profundas. Tanto que formaram o clube de leitura, dedicado à crítica literária, denominado *Inklings*. Sturch (2001) extrai os temas comuns aos membros do clube, e que eram bastante peculiares, como o sentido da vida, a natureza, a existência de Deus, os valores humanos, o amor etc., normalmente reservados aos filósofos ou teólogos, e confinados em compêndios. Tais conteúdos são constantes nas suas obras, particularmente nas de ficção.

Tolkien e Lewis “inventam”, assim, variados nomes, línguas, seres e mundos (elfos, hobbits etc., respectivamente). Por exemplo, o tema da coragem e do heroísmo, o dilema do mal, que para Ricoeur, como também para Santo Agostinho, é um dos mais complexos da filosofia, por trazer no seu bojo a temática do sofrimento.

## MITOLOGIA E REALIDADE HISTÓRICA

Para Tolkien, como para Lewis, os mitos, considerados primeiras obras de ficção da literatura mundial, não passam de tentativas de expressar a experiência humana e a própria realidade pela via da imaginação. Dessa maneira, a mitologia, da mesma forma como os contos de fada, proporciona um resgate de valores esquecidos, tais como os da coragem, da sabedoria e do heroísmo. Acabam provocando também o consolo ou a esperança de que, afinal de contas, as coisas e a própria vida, mesmo nos seus aspectos de sofrimento e injustiça, *têm* um sentido.

Na sua crítica a *O Senhor dos Anéis*, Lewis comenta que os mitos funcionam como um espelho que serve de alternativa ao olhar cansado da realidade direta. Quando lemos um mito, “não estamos nos afastando da realidade: nós simplesmente a redescobrimos. Quanto mais tempo a história perdurar na nossa mente, mais real ela acabará tornando a própria realidade” (Cf. Duriez, 1991, p.182).

Um dos pontos fortes do pensamento de Tolkien presentes em *O Senhor dos Anéis* é precisamente a sua concepção de que se todos os mitos remetem a valores humanos que teimosamente se repetem na literatura mundial, eles têm que ter alguma convergência com o real. Nenhuma sociedade pode “inventar” a mesma história milhares de vezes em milhares de lugares e tempos diferentes, se não há uma “origem”, que em última instância é lingüística. Tolkien acreditava aliás que há um mito no cerne do cristianismo, mas que este se distingue de todos os outros, porque tem a peculiaridade de possuir pretensões de *realidade histórica*.

A própria linguagem é temporal e, portanto, limitada e tendente à dispersão do sentido original. Assim, o que ocorre nos mitos, tanto para Lewis quanto para Tolkien, é um tipo de “apreensão prévia” e conservação dessas realidades.

Para Lewis (1970, p.67), o mito pode até vir a conter uma espiritualidade mais consistente do que a religiosidade professa. Pois ele nos remete, em última instância, à noção de encarnação e redenção da humanidade através de uma divindade. Mas o mito não deixa de ser também uma analogia da realidade. Da mesma forma que ele transcende o pensamento, a religiosidade transcende o próprio mito (ibidem, p.66-7). Outro aspecto paradoxal do mito é que, embora implique uma redução do divino ao humano, ele acaba servindo para exaltar o divino (Lewis, 1965, p.84-5). Assim, o mito acaba funcionando como um reflexo de uma experiência ou uma realidade histórica. Ele acaba sendo um esboço da história de toda a humanidade e até do cosmos. Para Lewis (1996), embora não substituísse a narrativa bíblica, a mitologia “carrega uma verossimilhança dada por Deus, como aquela verdade divina e eterna”.

### **AS CONCEPÇÕES DE BEM E MAL NA LITERATURA**

Evidentemente, se entendido literal ou meramente no seu sentido pragmático ou mais conveniente para o crítico, o mito do conto de fadas também pode promover ilusões alienantes e utopias totalitárias (Lewis, 1965, p.16-7).

É necessário, portanto, ler os mitos com o devido discernimento e um sólido conceito de verdade e realidade, pois usualmente o conceito de bem e de mal presente na mitologia tende ao maniqueísmo. Ao mal geralmente é atribuído um princípio independente, por assim dizer, simetricamente oposto ao bem, que muitas vezes tem forças independentes. O que Tolkien e Lewis tentam procurar criar é precisamente uma “mitologia” não-dualista.

Em *Cartas do diabo a seu aprendiz*, Lewis (1996) diz que o inferno é uma corporação nada criativa, cujo único ponto compartilhado é o medo e a ganância. E em *O problema do sofrimento* (1983), o inferno é descrito como um lugar de privação, de aprisionamento no *self* e como destruição do que há de mais humano no homem, até mesmo dos prazeres. Trata-se de um lugar que muitos temem que possa tomar o mundo de assalto um dia, mas que na verdade está “trancado por dentro”, para não ser “invadido” pelo bem. É essa, precisamente, a concepção que se evidencia na discussão travada entre Théoden e Gandalf, a respeito da natureza e caráter de Saruman e Língua de Cobra (cf. Tolkien, 2001, p.544).

Como se pode ver por esses trechos de Lewis e de Tolkien, a chave para se entender o abismo que distingue o bem do mal no legado de ambos os autores não está no que o mal é, mas no que ele *deixou de ser*; o perigo não está no mal excessivo, mas na falta de *criatividade*. Ao contrário do que ocorre em muitos mitos, o mal é incapaz de criar a partir do nada, só o bem é criativo. Pelo menos é isso que Frodo sugere na sua observação em relação aos escravos de Saruman, os chamados *orcs*: “A sombra que os criou só pode arremedar, não pode criar: nada realmente novo que se origine dela mesma. Não acho que (Saruman) lhes tenha dado vida, apenas os arruinou e deformou; e, se eles tiverem de viver, precisam viver como as outras criaturas” (ibidem, p.967).

Eis aí a maior diferença entre os arquétipos do bem e do mal na mitologia e no tipo de literatura escrita por Tolkien e Lewis. Ao contrário do

que geralmente ocorre nos mitos, o heroísmo dos *hobbits* em *O Senhor dos Anéis*, e particularmente de Frodo, não se impõe pela crueldade e frieza, mas se prova pela compaixão: “...lembra das palavras de Gandalf: *Até mesmo Gollum pode ter ainda algo a fazer?* Se não fosse por ele, Sam, eu não poderia ter destruído o Anel. A Demanda teria sido em vão, no fim de tanta amargura. Então vamos perdoá-lo” (ibidem, p.1004 – grifos do autor).

### POTENCIAL ÉTICO DA LITERATURA E DA FILOLOGIA

A trama narrada em *O Senhor dos Anéis* tem um poder metafórico e mitológico que costuma ser destacado e aplaudido pela crítica. Tanto as obras de Lewis quanto as de Tolkien caracterizam-se pela riqueza descritiva de paisagens, personagens e situações que normalmente têm um forte apelo ético.

De acordo com Duriez (1991, p.243-46), podemos reconhecer inúmeros arquétipos positivos e negativos diluídos nas cenas da vida cotidiana que aparecem na obra, razão pela qual a obra não pode ser considerada absolutamente alegórica e muito menos moralista ou reducionista. Embora Tolkien acenasse desde o começo para a moral central do livro, o foco não está na moral. Como em todo bom mito, o destaque é dado às ações e acontecimentos que desdobram e traduzem a moral geral das mais variadas maneiras no desenrolar dos acontecimentos.

Conforme Duriez (1991) ainda, a “moral geral” se revela por meio de seres bastante primitivos ou vulgares e de nenhuma importância maior no cenário político e econômico daquele mundo. São os pequenos e insignificantes *hobbits* que dão os maiores exemplos de comportamento moral, de formas muitas vezes inesperadas, espontâneas ou quase aleatórias. Em suma, essa moral geral diz que o destino daquele mundo, todo engajado numa guerra cruel e sangrenta, depende mais de pequenos atos de boa vontade, realizados por seres simples e comuns, do que de grandes proezas ou atos heróicos ostensivos.

Alguns críticos colocam em dúvida a seriedade moral da obra, pelo fato de essa moral ser expressa por seres tão medíocres e extravagantes. Mas o leitor atento para os detalhes de atitudes, línguas, nomes, geografias e histórias, e o estudante ou pesquisador que usa a filologia na sua análise e crítica literária acabarão notando a profundidade quase que inesgotável não somente da ética, mas também da teologia existente por trás da obra.

Embora Tolkien nunca tivesse sistematizado as suas idéias sobre ética, moral, teologia etc., como Lewis (1955 e 1997), ambos explicitaram a convicção de que não se pode “inovar” ou “inventar” alguma novidade no que diz respeito à ética. Os valores humanos são tão universais que se repetem em diferentes roupagens por várias culturas e eras. Lewis nomeou essas constantes de *Lei Natural* ou *Tao*. Negar esses valores significaria extinguir o próprio homem, pois ele não pode se inventar a si mesmo, e muito menos os “princípios de vida” ou operacionais do homem. Tanto Lewis quanto Tolkien concordam assim que a moral não é uma camisa de força, e sim a maneira mais “natural” de o ser humano agir e realizar-se como ser humano, ou seja, uma maneira de buscar a felicidade, para além dos desafios e paradoxos a que a vida nos expõe.



## CONCLUSÃO

Muitos outros temas e motivos comuns poderiam ser levantados e discutidos com base no legado desses dois importantes autores, mas os que foram aqui abordados bastam para notarmos que aquilo que os unia era a sua visão de mundo bastante consistente. Ao mesmo tempo que ela os motivava para a criação dos seus mundos imaginários, também lhes permitia evitar cair nos perigos da fragmentação do conhecimento, do maniqueísmo e da retórica alienante presentes em alguns textos literários. Eles estavam convictos de que eram capazes de criar histórias com conteúdos éticos universais e com um “gosto mitológico”.

O *Senhor dos Anéis* é uma história cativante para quem conhece bem a obra do autor e sabe interpretá-la pelo seu caráter notadamente *natural* e *humano*, e ao mesmo tempo *sobrenatural* e *sobre-humano*. E a riqueza do enredo multiplica-se geometricamente em várias subnarrativas, não menos ricas, formando verdadeiros “fractais literários”.

E é um dos mais simples personagens, Sam, que chega à simples e genial conclusão a respeito do sentido e importância desse tipo de literatura na formação e orientação do destino do homem. Assim ele sintetiza todo o pensamento do autor sobre a importância da literatura na vida de qualquer ser humano (até dos filólogos):

*– Os feitos corajosos das velhas canções e histórias, Sr. Frodo: aventuras, como eu as costumava chamar. Costumava pensar que eram coisas à procura das quais as pessoas maravilhosas das histórias saíam, porque as queriam, porque eram excitantes e a vida era um pouco enfadonha, um tipo de esporte, como se poderia dizer. Mas não foi assim com as histórias que realmente importaram, ou aquelas que ficam na memória. As pessoas perecem... Ouvimos sobre aqueles que simplesmente continuaram – nem todos para chegar a um final feliz, veja bem; pelo menos não para chegar àquilo que as pessoas dentro de uma história, e não fora dela, chamam de final feliz. O senhor sabe, voltar para casa, descobrir que as coisas estão muito bem, embora não sejam exatamente iguais ao que eram – como aconteceu com o velho Sr. Bilbo. Mas essas não são sempre as melhores histórias de se escutar, embora possam ser as melhores histórias para se embarcar nelas! Em que tipo de história teremos caído?*

*– Também fico pensando – disse Frodo. – mas não sei. E é assim que acontece com uma história de verdade. Pegue qualquer uma de que você goste. Você pode saber, ou supor, que tipo de história é, com final triste ou final feliz, mas as pessoas que fazem parte dela não sabem. E você não quer que elas saibam.*

*– Não senhor, claro que não ...Veja só, pensando assim, estamos ainda na mesma história! Ela está continuando. Será que as grandes histórias nunca terminam?*

*– Não, nunca terminam como histórias – disse Frodo. – Mas as pessoas nelas vêm e vão quando seu papel termina. Nosso papel vai terminar mais tarde – ou mais cedo.*

*– E então poderemos descansar e dormir um pouco – disse Sam... (Tolkien, 2001, p.481 ss.)*

## Referências bibliográficas

- ABBADE, C. M. de S., NUNES, I. N. Literatura e Filologia: as duas faces da crítica nos textos *on-line*. Disponível [http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8\\_07.htm](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_07.htm), atualizado 30.8.2002.
- BORBA, M. A. J. de O. Lingüística e Teoria da Literatura: relações e limites”, *on-line*. Disponível [http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ5\\_08.htm](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ5_08.htm), atualizado 30.8.2002.
- CHANCE. *Lord of the Rings*. Kentucky: The University Press of Kentucky, 2001.
- CARPENTER, H. *Tolkien: A Biography*. London: Harper Collins, 2002.
- DURIEZ, C. *The C. S. Lewis Handbook*. Grand Rapids (MI): Baker Book, 1990.
- \_\_\_\_\_. *The J. R. R. Tolkien Handbook*. Grand Rapids (MI): Baker Book, 1991.
- LEWIS, C. S. *Surpreendido pela alegria*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Cartas do diabo a seu aprendiz*. Lewis, Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O problema do sofrimento*. São Paulo: ABU, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Mero cristianismo*. Trad. Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Christian Reflections*. Grand Rapids (MI): Eerdmans, 1996.
- \_\_\_\_\_. *God In The Dock*. Grand Rapids (MI): Eerdmans, 1970.
- \_\_\_\_\_. *The Weight of Glory*. 2.ed. New York: MacMillan, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Studies In Words*. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.
- \_\_\_\_\_. *The Abolition of Men*. New York: MacMillan, 1955.
- STURCH, R. *A study of the Fantastic Writings of George MacDonald, Charles Williams, C. S. Lewis and J. R. R. Tolkien*. Eredain: Walking Tree Publishers, 2001. (Cormarë Series No. 3)
- TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis*. Trad. Lenita M. R. Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GREGGERSEN, G. Philology and literature: exchanging ideas with Tolkien and Lewis. *Todas as Letras (São Paulo)*, n.5, p.65-74, 2003.

**Abstract:** *The present article undertakes an approach between two writers and university professors, J. R. R. Tolkien and C. S. Lewis. What joined them were not only a deep friendship, but also the vision of world and basic human values behind their workmanships of international relevance. Based on this philosophical ground it was possible for them to establish a dialogue between their respective fields, of philology and literature. We will give a special attention to the ethical potential of language and literature, two basic subjects in the thought of the authors.*

**Keywords:** *Philology; literature; J. R. R. Tolkien; C. S. Lewis; myth; ethics.*